

Arquivo pessoal



Testes na piscina do Corpo de Bombeiros do DF

funciona como um drone subaquático. Todos os componentes são testados minuciosamente para garantir a ausência de vazamentos, já que o veículo abriga muitos eletrônicos, como um minicomputador interno, responsável pelo reconhecimento de imagem, utilizando inteligência artificial.

“O nosso robô é um AUV (veículo submarino autônomo), que opera de forma completamente autônoma, ao contrário dos mais comuns, os ROVs (veículos subaquáticos operados remotamente), que requerem controle manual via cabo ou controle remoto. O grande diferencial do projeto é que ele realiza todas as operações de forma independente, como exigido pela competição”, detalha o capitão da equipe.

A equipe

A All Blue é dividida em quatro subáreas: mecânica, software, business (responsável pela parte organizacional) e naviônica (eletrônica para embarcados subaquáticos). “No total, são nove pessoas no software, nove na mecânica e oito na naviônica. Eu estou na parte de software, ajudando a programar e integrar a parte que envolve os computadores internos, os controladores com a parte elétrica e também a parte mecânica, como os motores e outros componentes”, conta Gabriel Paiva, 21, estudante de mecatrônica.

“No desenvolvimento desse projeto, é essencial ter membros de diversos cursos colaborando com seus conhecimentos. Por exemplo, na mecânica, que cuida da área estrutural, é

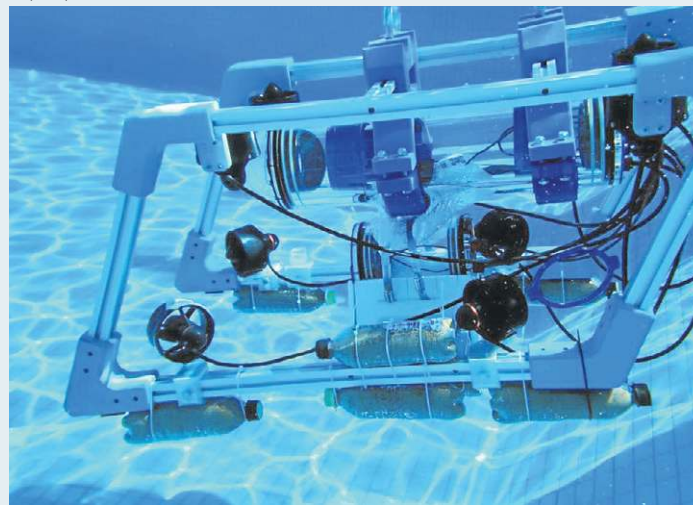
importante ter pessoas com formação em engenharia mecânica. Já no software, temos pessoal da computação contribuindo mais. Então, há várias áreas diferentes se ajudando”, elucida o integrante Pedro Henrique.

Maria Luiza Rodrigues, 20, estudante de mecatrônica, faz parte da equipe na área de mecânica, com foco na modelagem do projeto. “Quando entrei, eu praticamente não sabia nada de modelagem 3D, mas a equipe ofereceu cursos, e fomos aprendendo juntos e montando. Fiquei responsável pela modelagem das peças e pela simulação, que envolve coisas como a tensão e o comportamento do robô na água”, explica.

Expectativa

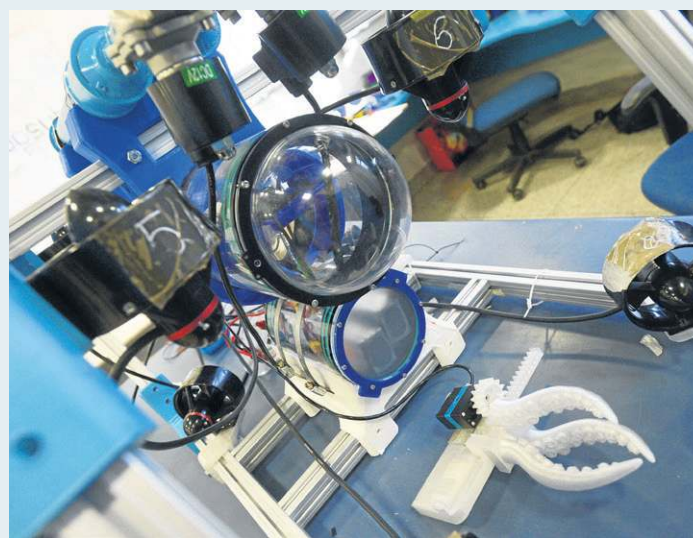
A ansiedade dos membros para o evento está alta. Apesar

Arquivo pessoal



Iara é o nome do robô submarino que competirá pela UnB

Ed Alves/CB/DA.Press



Tecnologia criada pelo grupo utiliza impressão 3D e IA

da trajetória recente, a equipe reconhece a importância de participar. “Acho que estamos mais competindo com nós mesmos. Nossa equipe tem apenas sete meses de criação, enquanto outras têm 10 anos. Estamos indo para nos provar e ganhar experiência na nossa primeira competição, para que possamos nos consolidar como equipe”, afirma o capitão do time.

“Desde o ensino médio, comecei a fazer robótica no projeto Meninas.comp. Quando escolhi fazer engenharia mecatrônica, um dos meus maiores objetivos sempre foi entrar em uma equipe de competição. Nas engenharias, no geral, vemos muito a parte teórica, e as equipes são uma oportunidade de aplicar tudo o que aprendemos. Quando soube da competição e da equipe, me interessei

em participar, pois seria uma chance de juntar tudo o que aprendi até agora. Estou muito ansiosa e animada. É a primeira vez que vou participar de uma competição fora do país”, explica Maria Luiza.

Além da competição, a viagem também é uma oportunidade profissional para desenvolver competências e habilidades. “Estou bem empolgado. É a primeira vez que vou viajar para fora, e vejo isso como uma oportunidade de treinar o inglês, fazer networking e colocar em prática os conhecimentos que aprendemos na teoria. É uma oportunidade que talvez eu não tenha novamente na vida, mas espero que sim”, deseja Gabriel.

***Estagiária sob supervisão de Marina Rodrigues**